



FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE FARMÁCIA

A AUTOMEDICAÇÃO: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

NainneLorrane Lopes Da Silva
Wilver Silva Moreira

Orientador (a): Prof.^a Ma. Carla Caroline Cunha Bastos

TRINDADE – GO
2017

FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE FARMÁCIA

A AUTOMEDICAÇÃO: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

NainneLorrane Lopes Da Silva
Wilver Silva Moreira

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Farmácia.**

Orientador (a): Prof.^a Ma. Carla Caroline Cunha Bastos

TRINDADE – GO

2017

FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE FARMÁCIA

A AUTOMEDICAÇÃO: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Farmácia.

Orientador (a): Prof.^a Ma. Carla Caroline Cunha Bastos

Prof. da FUG: Ma. Thaissa Costa Cardoso

Prof. Convidado Externo: Ma. Kamilla Amaral David Rocha

Trindade – GO

2017

A AUTOMEDICAÇÃO: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

¹NainneLorrane Lopes Da Silva

²Wilver Silva Moreira

³Carla Caroline Bastos Cunha

RESUMO

A automedicação de acordo com definição da ANVISA é caracterizada pelo uso de medicamento sem a prescrição, orientação e ou o acompanhamento de um profissional capacitado. Cada vez mais presente na sociedade, a automedicação ou uso indiscriminado dos medicamentos pode acarretar diversos riscos à saúde das pessoas como intoxicação, interação medicamentosa, resistência por parte de agentes causadores de doenças, entre outras reações adversas. Este artigo tem por objetivo por meio de uma revisão bibliográfica, o levantamento dos principais pontos referentes à automedicação, buscando expor os perigos, os cuidados que devem ser tomados, a influência do marketing na decisão das pessoas de se medicarem por conta própria, bem como a posição do farmacêutico no papel de orientar as pessoas sobre o uso racional dos medicamentos. A partir do levantamento da bibliografia foi possível enumerar os graves riscos que as pessoas estão sujeitas ao realizarem essa prática sem orientação profissional, além de identificar como o farmacêutico pode agir e orientar sobre diante de situações de automedicação.

Palavras – Chave: Uso irracional. Atuação farmacêutica. Marketing.

AUTOMEDICATION: A PUBLIC HEALTH PROBLEM IN BRAZIL

ABSTRACT

Self-medication according to ANVISA's definition is characterized by the use of medication without the prescription, orientation and / or follow-up of a trained professional. Increasingly present in society, the self-medication or indiscriminate use of medicines can lead to various risks to the health of people such as intoxication, drug interaction, resistance by agents causing diseases, among other adverse reactions. The aim of this article is to review the literature on the main aspects of self-medication, aiming at exposing the dangers, the care that should be taken, the influence of marketing on people's decision to self-medicate, and the position of the pharmacist in the role of guiding people on the rational use of medicines. From the bibliographical survey it was possible to enumerate the serious risks that people are subjected to when doing this practice without professional guidance, besides identifying how the pharmacist can act and guide in front of self-medication situations.

Key words: Irrational use. Pharmaceutical action. Marketing.

¹ Acadêmica do curso de Farmácia da Faculdade União de Goyazes.

² Acadêmico do curso de Farmácia da Faculdade União de Goyazes.

³ Orientador: Prof.^a Ms. Carla Caroline Cunha Bastos, Faculdade União de Goyazes, outras instituições.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICTQ – Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade

MIP – Medicamento Isento de Prescrição

SINITOX - Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA	10
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
3.1 A realidade da automedicação no Brasil	11
3.2 A influência do marketing na automedicação	15
3.3 Os riscos da automedicação para a saúde e os principais medicamentos utilizados	16
3.4 O papel do farmacêutico na automedicação	18
4. CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

1INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que se encontra longe de alcançar um nível de saúde pública ideal, onde teoricamente as pessoas deveriam possuir acesso a médicos, medicamentos e aparelhos suficientes para atender as necessidades de todos. Em contrapartida, diversos problemas são relatados todos os dias, nos jornais, internet, nas rodas de conversa, por exemplo, problemas relacionados a falta de médicos, longas filas no sistema público de saúde, aparelhos de exames quebrados, precariedade na estrutura dos hospitais, entre outros. Existe também um problema em específico que é muito recorrente: a automedicação (GAMA; SECOLI, 2017).

Segundo Pereira *et al* (2008) utilizar medicamentos é a forma mais conhecida de tratamento em nossa sociedade, em contrapartida é significativa a existência de problemas de saúde relacionado ao uso de fármacos. O fácil acesso a medicamentos, aliado a falta de informação, o marketing das indústrias farmacêuticas, a própria estrutura falha do sistema de saúde atual tem contribuído para a automedicação apresentar índices alarmantes no país (DALL AGNOL, 2004 *apud* PEREIRA *et al*, 2008).

Conforme definição da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) a automedicação é descrita como o uso de medicamento sem a prescrição, orientação e ou o acompanhamento do médico ou dentista (Port. n.º 3916/98 - Política Nacional de Medicamentos), ou seja, a automedicação expressa a iniciativa do indivíduo de selecionar e utilizar por vontade própria alguma medicação que ele considere adequada para resolver seu problema (AL HUSSAINI e MUSTAFA, 2014).

Os medicamentos quando usados da forma correta cumprem o papel para o qual foram criados de aliviar sintomas, tratar patologias, entre outras. Entretanto quando esses medicamentos são usados sem devida orientação oferecem diversos riscos à saúde humana. Eles possuem potencial de ocasionar diversas complicações graves a saúde das pessoas, como por exemplo, reações adversas que vão desde a diminuição da eficácia até dependência do medicamento (MARIN *et al.*, 2003 *apud* Fernandes e Cembranelli, p.2, 2014).

De acordo com Gama e Secoli (2017) usar medicamentos por vontade própria é uma prática inapropriada que também pode acarretar na resistência

antimicrobiana, além de interação medicamentosa entre diferentes fármacos, o risco de mascarar uma doença, além do aumento de recursos financeiros para os cofres públicos. Segundo dados do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade 76,4% dos brasileiros possuem o hábito de se automedicar, esses hábitos vão desde a compra do remédio até aumentarem a dosagem por conta própria de algum fármaco que já utilizam por prescrição médica, sendo este último caso praticado por 32% da população (ICTQ, 2014).

A automedicação se tornou um hábito corriqueiro na vida dos brasileiros, seja realizando a prática por conta própria ou indicação de familiares ou amigos. Muitos fatores levam a essa realidade no Brasil, como por exemplo, a deficiência na saúde pública, facilidade de acesso a medicamentos que não necessitam de prescrição, e a enchente de propagandas da indústria farmacêutica que estão sempre incentivando as pessoas a consumirem. Fatores econômicos, políticos e culturais, como o alto custo de alguns medicamentos, ou o costume de utilizar um remédio indicado por alguém próximo, contribuem também para o aumento da automedicação, todos estes fatores constituem uma teia que leva a um problema de saúde pública no país (LUKOVIC *et al*, 2014).

Apesar dos números significativos de automedicação e que crescem cada vez mais, o Brasil ainda é muito deficiente com relação à documentação desses dados. Segundo bases do Sinitorx (2000, *apud* Pereira *et al*, 2008):

No Brasil a carência de trabalhos de investigação sobre a morbidade e mortalidade associada ao uso de medicamentos, bem como, a ainda recente implantação do Sistema Nacional de Farmacovigilância, compromete um diagnóstico preciso da situação no país. Apesar disso, dados alarmantes publicados pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), demonstram que os medicamentos ocupam a primeira posição entre os três principais agentes causadores de intoxicações em seres humanos desde 1996, sendo que em 1999 foram responsáveis por 28,3 % dos casos registrados.

Estudos como este são importantes para apresentar e esclarecer as pessoas sobre o risco desse uso indiscriminado, como a automedicação pode acarretar sérios problemas para a saúde, ao invés de levar a cura. O risco segundo Almeida e Rouquayrol (2002) *apud* Pereira (2007):

Entendido pela epidemiologia como a “probabilidade de ocorrência de uma doença, agravo, óbito, ou condição relacionada à saúde (incluindo cura, recuperação ou melhora) em uma população ou grupo durante um período de tempo determinado.

Uma das formas de tentar amenizar o problema da automedicação é através da atenção farmacêutica. O Consenso Brasileiro de Atenção Farmacêutica realizado em 2002 regulamentou o conceito da prática da atenção farmacêutica que tem como princípio básico o farmacêutico trabalhando de forma mais próxima das pessoas, utilizando dos seus conhecimentos para oferecer orientação e atendimento clínico. Foi definido em 2002 que:

A atenção farmacêutica compreende atitudes, valores éticos, comportamentos, habilidades, compromissos e responsabilidades na prevenção de doenças, promoção e recuperação da saúde, de forma integrada à equipe de saúde. É a interação direta do farmacêutico com o usuário, visando uma farmacoterapia racional e a obtenção de resultados definidos e mensuráveis, voltados para a melhoria da qualidade de vida. Esta interação também deve envolver as concepções dos seus sujeitos, respeitadas as suas especificidades biopsicossociais, sob a ótica da integralidade das ações de saúde. (Consenso Brasileiro de Atenção Farmacêutica, 2002).

Neste estudo busca-se relatar os riscos oferecidos pelo uso indiscriminado, a classificação farmacológica que apresenta o maior número de automedicação, os problemas e efeitos colaterais que podem acometer a saúde das pessoas em consequência do uso incorreto dos fármacos, a influência do marketing no uso dos medicamentos e como o farmacêutico deve fazer uso dos seus conhecimentos para prevenir e orientar as pessoas para o uso correto dos medicamentos.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa exploratória que tem por finalidade proporcionar maior familiaridade com as questões expostas. A pesquisa exploratória tem o objetivo de prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva. Esse tipo de pesquisa pode ser dividido entre: revisão bibliográfica e estudo de caso (MATTAR, 2011).

Neste estudo a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica devido à grande quantidade disponível de livros, artigos, dados, revistas, entre outros, sobre o tema. Na busca pelo material de revisão foi utilizada a biblioteca convencional da Faculdade União de Goyazes, além de portais e sites *online* como: Google Acadêmico, Portal da Saúde, *Scielo*, *Lilacs*.

Na seleção dos artigos para estudo foram utilizadas as seguintes palavras – chave: automedicação, uso indiscriminado, uso racional de medicamentos, saúde pública. A seleção dos artigos também foi realizada a partir de artigos disponibilizados desde o ano 2007, em português e demais idiomas passíveis de compreensão aos autores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A realidade da automedicação no Brasil

A automedicação é uma prática muito comum entre as pessoas no Brasil, o ato de ingerir medicamentos sem prescrição ou acompanhamento de um profissional, caracterizam a prática de automedicação ou como alguns autores denominam o uso irracional de medicamentos (FERNANDES e CEMBRANELLI, 2014).

A prática pode acarretar sérios riscos à saúde das pessoas e apresentar diversas reações, entre elas podemos mencionar uma diminuição da eficácia e dependência ao medicamento, efeitos colaterais, interações medicamentosas, intoxicação e até mesmo, o agravamento do quadro clínico do indivíduo (BARROS; SÁ, 2007).

De acordo com dados disponibilizados pela Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), os medicamentos são responsáveis por cerca de 30% das intoxicações que ocorrem na população brasileira, sendo os benzodiazepínicos, os medicamentos utilizados para o tratamento dos sintomas da gripe, os antidepressivos e os anti-inflamatórios as classes de medicamentos que mais intoxicam (SOUZA; SILVA; NETO, 2008).

Segundo pesquisa do ICTQ (2014) ainda destaca que:

O consumo de medicamentos indicados principalmente pela família e amigos é cultural no Brasil. Apesar de boa parcela da população já ter ciência dos riscos da automedicação, somente 23,6% dos brasileiros declaram consumir esses produtos estritamente prescritos pelos médicos, farmacêuticos, odontólogos e enfermeiros.

O quadro 1 exposto abaixo apresenta uma lista de acordo com Arrais et al (2016) sobre as classes de medicamentos que foram mais utilizados no ano de 2014. A partir desses dados é possível identificar os medicamentos que não necessitam de apresentação de receituário que foram mais consumidos.

Quadro 1: Distribuição da classificação farmacológica dos medicamentos mais utilizados em 2014.

Subgrupo terapêutico	%
Analgésicos	33,4
Relaxantes musculares	13,8
Antiinflamatórios e antireumáticos	11,7
Preparações para tosse e resfriados	5,9
Suplementos (Nutrientes Gerais)	3,9
Medicamentos para transtornos relacionados à acidez	3,8
Hormônios sexuais e moduladores do sistema genital	3,1
Medicamentos para transtornos gastrointestinais funcionais	2,8
Plantas	2,7
Vitaminas	2,4
Antibacterianos para uso sistêmico	2,3
Outros	14,3
Total	100

Fonte: ARRAIS, et al (2016)

Mediante os dados que compõem o quadro 1, é possível identificar que a classe dos analgésicos lidera a lista de automedicação, os medicamentos que aliviam dores em muitos casos podem ser comprados sem prescrição médica, fármacos como dipirona, paracetamol e ibuprofeno são bastante utilizados, muitas pessoas possuem esses medicamentos em casa e recorrem a eles para o alívio de uma febre, dor de cabeça, dor no corpo, ou outras indisposições.

Os medicamentos que podem ser comprados sem prescrição médica muitas vezes são frutos de indicações de pessoas que não são profissionais da saúde. Muitos fatores estão envolvidos na prática de automedicação e a indicação de um amigo ou familiar podem ser apontados como principais fatores, além da indução pelas propagandas, falta de acesso a um profissional responsável para orientar,

baixo nível de escolaridade, falta de acesso à informação, entre outros. (URBANO, et al, 2010).

Um dos fatores que contribui com o fácil acesso a medicamentos é o alto número de farmácias por habitantes que existem no Brasil. Segundo Cantarino (2007) O Brasil está no ranking entre os países que mais consomem medicamentos no mundo, ocupando a 10ª posição mundial no mercado farmacêutico, com média anual de 1,6 bilhões de caixas de medicamentos vendidos. Segundo o censo de 2010, a população brasileira é de 190.732.694 pessoas, utilizando esses dados estima-se que são vendidos aproximadamente 8,4 caixas de medicamentos por habitante ao ano (IBGE, 2010).

O quadro 2 apresenta os dados levantados em pesquisa realizada pelo ICTQ a respeito do comportamento dos brasileiros em relação ao consumo de medicamento por conta própria. A pesquisa do ICTQ listou os índices por capitais, com relação à automedicação geral de medicamentos e o acréscimo na dose por conta própria, como indicado no quadro 3 (ICTQ, 2014).

No quadro 2 podemos perceber que a média é extremamente alta com 76% das pessoas praticando a automedicação, sendo cidades como Salvador, Recife e Manaus as líderes do ranking. Um fator que possivelmente pode explicar a presença de três capitais do norte e no nordeste no país como primeiras colocadas podem ser levados em conta que essa região é a mais carente do país, por consequência apresenta grandes problemas na estrutura pública do sistema de saúde, levando assim as pessoas a essa prática, além do fato de que nessas regiões o índice de escolaridade é inferior ao restante do país, podendo indicar outra motivação para a presença dessas cidades na lista.

O terceiro quadro apresenta dados do aumento da dose por conta própria, aumentar a dosagem sem indicação profissional pode levar a efeitos colaterais, intoxicação, entre outros riscos para a saúde dos pacientes. O mais indicado é que quando o paciente percebe que o fármaco utilizado não tem proporcionado o efeito esperado, ele procure orientação médica ou de farmacêutico para ajuste da dosagem.

De acordo com dados levantados pelo ICTQ, 61,4% das pessoas que ingerem medicamentos por conta própria estão cientes dos riscos dessa ação, pois

já possuem informações vistas em campanhas, folhetos, entre outros, orientando a respeito do assunto. Por outro lado 38,6% declaram nunca ter tido acesso a esse tipo de informação.

Quadro 2: Dados referentes às capitais que mais promovem a automedicação no Brasil

1º	Salvador/BA	96,2 %
2º	Recife/PE	96,0 %
3º	Manaus/AM	92,0 %
4º	Rio de Janeiro/RJ	91,4 %
5º	Brasília/DF	83,1 %
6º	São Paulo/SP	83,0 %
7º	Belém/PA	78,0 %
8º	Curitiba/PR	66,0 %
9º	Goiânia/GO	65,0 %
10º	Fortaleza/CE	53,0 %
11º	Porto Alegre/RS	49,0 %
12º	Belo Horizonte/MG	35,0 %
Média Final	76,4 %	

Fonte: ICTQ (2014)

Quadro 3 Dados referentes aos maiores índices por capitais de aumento da dose por conta própria

1º	Curitiba/PR	65,0 %
2º	Brasília/DF	56,9 %
3º	Manaus/AM	52,0 %
4º	Belém/PA	34,0 %
5º	Recife/PE	30,5 %
6º	Belo Horizonte/MG	29,0 %
	Goiânia/GO	29,0 %
7º	Rio de Janeiro/RJ	28,6 %
8º	Fortaleza/CE	26,0 %
9º	Salvador/BA	24,8 %

10º	São Paulo/SP	21,7 %
11º	Porto Alegre/RS	19,0 %
Média Final	32,0 %	

Fonte: ICTQ (2014)

3.2 A influência do marketing na automedicação

A propaganda pode ser considerada um dos maiores incentivadores ao uso indiscriminado e irracional dos medicamentos. A cada dia a automedicação vai se tornando uma questão cultural. Atualmente usam-se medicamentos para tudo, e as propagandas desempenham um papel fundamental neste processo. Em 2000 a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) determina que as indústrias ao divulgar seus medicamentos devem informar sobre as contraindicações e advertência obrigatória (AZEVEDO e PEREIRA, 2010).

Segundo Melo *et al* (2009) o marketing é um dos principais responsáveis pelo uso irracional dos medicamentos:

Como exemplos de motivações que contribuem para a utilização irracional dos medicamentos tem-se a enorme oferta (em quantidade e variedade), a atração por novidades terapêuticas – muitas das quais são apenas variações de fórmulas já conhecidas -, o poderoso marketing e o direito, supostamente inalienável, do médico em prescrever. (MELO *et al*, p. 476, 2006).

Os gastos da indústria farmacêutica giram em torno de valores muito altos. De acordo com dados do ICTQ (2017) a indústria farmacêutica movimenta cerca de 1 trilhão de reais por ano. Dez das maiores empresas investem mais em marketing do que em pesquisas científicas, apostando na propaganda mais de 30% do capital da organização.

De acordo com dados de uma pesquisa do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), divulgada em março de 2007, o setor farmacêutico investiu cerca de R\$ 230.822 mil em publicidade durante os meses de julho a setembro de 2006.

O grande número de propaganda que enche a TV, rádios e jornais aliado a falta de informação, o fácil acesso a medicamentos, e os problemas da saúde básica

são considerados fatores cruciais para a automedicação no Brasil (DALL'AGNOL 2004, apud PEREIRA, et al, 2008)

Para Azevedo e Pereira (2010) os medicamentos deixaram de ser utilizados por necessidade e passaram a ser vistos como uma forma para diminuir sintomas e promover um alívio imediato na saúde. Como consequência dessa prática, os produtos farmacêuticos começaram a ser utilizados de forma indiscriminada e irracional, principalmente por serem altamente divulgados pelas propagandas e o marketing que o vende como os demais produtos para consumo, sendo somente mais uma simples mercadoria a ser consumida.

3.3 Os riscos da automedicação para a saúde e os principais medicamentos utilizados

Os principais motivos que levam a prática da automedicação são: a constipação, gripe, tosse, dor de garganta, rinite alérgica, feridas na cavidade oral, indigestão, obstipação, vômitos, diarreias, hemorragias, queimadura solar, verrugas, dores moderadas (cabeça ou muscular) e alguns problemas de pele, como as acnes e micoses (MENDES *et al*, 2004, *apud* GARCEZ *et al*, 2012).

Alguns fatores contribuem para essa prática, sendo o acúmulo de medicamentos em casa considerado um fator de risco, além de favorecer a prática da automedicação, facilitar o equívoco entre medicamentos, e o risco de intoxicação por ingestão acidental (GOMES, 2012).

A ANVISA (2008, p.05) expõe que:

As consequências dessa prática podem ser desastrosas, gerar efeitos indesejados e imprevistos, causando danos à saúde – em função do risco- e ao bolso dos usuários, por estar relacionado ao alto custo e à aquisição de produtos desnecessários. Tomar medicamento sem a orientação de especialista pode, por vezes, não surtir efeito algum, agravar doenças, mascarar sintomas, tornando mais difícil o diagnóstico de determinadas enfermidades, além de causar danos sérios ao organismo ao atingir órgãos que não estão doentes.

A prática de se automedicar, pode prejudicar muito a saúde tanto a individual como de pessoas próximas, uma vez que as pessoas têm o costume de orientar outras pessoas sobre consumo de determinados medicamentos. Entre 1999 e 2009 ocorreram mais de 307.650 casos de intoxicação medicamentosa, índices que

superam reações tóxicas provenientes de agrotóxicos, venenos de rato, picadas de animais peçonhentos, produtos de limpeza e cosméticos (SINITOX, 2009).

O uso de muitas drogas consideradas simples para os pacientes, como por exemplo: medicamentos de venda livre pode trazer várias consequências, dentre elas, as mais comuns, reações de hipersensibilidade, resistência bacteriana, estímulo para a produção de anticorpos sem a devida necessidade, dependência do medicamento sem a precisão real, hemorragias digestivas, entre outras (AZEVEDO e PEREIRA, 2010).

A automedicação também pode ajudar a mascarar doenças graves, levando a um atraso no diagnóstico por tratar temporariamente os sintomas dando a falsa sensação de cura da doença. Algumas classes de medicamentos costumam aparecer com mais frequência nas listas que tratam a respeito dos principais Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP's). Mesmo os MIP's sendo de mais fácil acesso para as pessoas por não ser exigido a apresentação de receita no ato da compra, os medicamentos que exigem receita também são alvo da automedicação devido à grande carência de fiscalização nos estabelecimentos de saúde do país (ARRAIS et al, 2016).

Segundo Bortolonet *et al* (2007) a automedicação no país, não ocorre apenas com os medicamentos de venda livre, que não necessitam de prescrição médica, mas também ocorre de forma intensa entre os fármacos de tarja vermelha e preta, que pela lei deveriam ser comercializados apenas mediante apresentação de receituário médico. Segundo Arrais *et al* (2016), os medicamentos que aliviam sintomas de dor são os mais procurados, sendo a classe dos analgésicos a liderar a lista com cerca de 33%, em seguida estão os relaxantes musculares (13,8%) e os antiinflamatórios (11,7%).

Quadro 4: Distribuição dos 12 fármacos mais utilizados por automedicação.

Fármaco	%	MIP (Medicamentos Isentos de Prescrição)	MP (Medicamentos com Prescrição)
Dipirona	15,4	X	
Cafeína + orfenadrina + dipirona	12,4	X	
Paracetamol	11,4	X	
Cafeína+carisoprodol+diclofenaco+p aracetamol	3,6		X
Diclofenaco	3,5		X
Cafeína+dipirona+isometepteno	3,3	X	
Etinilestradiol+levonorgestrel	2,5		X
Ibuprofeno	2,3	X	
Fenilefrina+clorfeniramina+paraceta mol	2,2	X	
Omeprazol	1,8		X
Cafeína+clorfeniramina+dipirona	1,8	X	
Nimesulida	1,6		X

Fonte: ARR AIS *et al* (2016)

O quadro 4 apresenta os 12 primeiros medicamentos que as pessoas mais utilizam na prática da automedicação. Em sua maioria os fármacos mais presentes na lista são os utilizados para alívio de dor e que podem ser comprados sem prescrição médica, como é o caso da dipirona, diclofenaco e ibuprofeno. Figuram na lista também medicamentos para dores estomacais como o omeprazol e nimesulida, um conhecido anti-inflamatório (ARRAIS *et al*, 2016).

3.4 O papel do farmacêutico na automedicação

De todos os profissionais da saúde, o farmacêutico pode ser considerado o mais preparado para lidar com as questões relativas ao uso de medicamentos. O conhecimento adquirido por este profissional em sua formação acadêmica busca

prepará-lo desde os processos práticas de criação e produção de medicamentos, até a orientação dos pacientes sobre a melhor forma de administrá-los (FERNANDES e CEMBRANELLI, 2014).

No contexto da automedicação, o farmacêutico deve buscar conhecer os anseios e sanar as dúvidas dos pacientes, orientar para o uso correto, verificando a real necessidade da administração do medicamento, a dosagem ingerida, sempre tentando promover o uso racional e consciente por parte das pessoas (PEREIRA e FREITAS, 2008).

O uso irracional de medicamentos leva as pessoas a consumir medicamentos sem nenhum critério de escolha, a administração sem conhecimento correto leva as pessoas a misturar medicamentos que acarretam interação medicamentosa, a mistura com outras substâncias, bebidas ou alimentos que não são adequados. Diante dessa realidade o farmacêutico se torna peça fundamental para estabelecer um método criterioso de uso, a partir dos conhecimentos científicos que ele possui (OMS, 2008).

De acordo com Soterio (2016) o farmacêutico além de atuar nas indústrias e hospitais, também é responsável pela dispensação segura e orientação dos pacientes:

O trabalho da atenção farmacêutica junto à população no momento da dispensação do medicamento é de grande relevância, pois é nesse momento em que o paciente vai receber as orientações sobre como usar o medicamento, a dose correta, o tempo de tratamento, riscos ou benefícios, ou dependendo do caso sendo orientados a procurar uma unidade de saúde.

A automedicação orientada por um farmacêutico já é uma realidade no Brasil e até mesmo uma prática indicada que integra os sistemas de saúde, devido ao fato de que dores ou incômodos mais simples podem ser solucionados mediante a indicação de um medicamento por parte do farmacêutico. Essa prática permite que as pessoas tenham mais controle sobre sua própria saúde ao mesmo tempo que diminui os gastos públicos com consultas médicas (SOUZA et al, 2008).

4. CONCLUSÃO

Possuir acesso à assistência médica e a medicamentos não significa necessariamente a existência de melhores condições de saúde ou qualidade de vida, uma vez que os maus hábitos prescritivos, as falhas na dispensação, a automedicação inadequada podem levar a tratamentos ineficazes e pouco seguros.

Assim como foi discutido ao longo deste artigo o uso dos medicamentos não são responsáveis apenas por proporcionar alívio de sintomas ou curar alguma patologia. Muitos problemas são ocasionados pelo uso indiscriminado dos medicamentos. Grande parte da população brasileira possui o hábito de se auto medicar sem a orientação de um profissional preparado, seja por um médico ou pelo farmacêutico.

O farmacêutico é um profissional capacitado para orientar as pessoas no ato da compra sobre a real necessidade de se medicar para distintos casos, os estabelecimentos de saúde (drogarias) devem contar com um farmacêutico habilitado e registrado em tempo integral, visto que esse profissional é o mais indicado para realizar o papel de orientador.

Procurar um profissional para esclarecer dúvidas é de extrema importância na hora de adquirir um medicamento, muitas pessoas fazem uso da automedicação por indicação de parentes ou amigos, sem se atentarem para o fato de que cada ser humano possui um organismo diferente, que nem toda patologia acomete as pessoas de forma igual, ou se até mesmo os seus sintomas podem ser aliviados com o medicamento que lhes foi indicado, somente um profissional pode realizar esse papel de indicação.

Mesmo com poucas pesquisas que avaliem a real situação dos casos de automedicação, no Brasil os dados existentes refletem o quão grande o problema é, em quão defeituoso é o sistema público de saúde do país e o controle e fiscalização por parte dos órgãos responsáveis. É necessária a realização da contabilidade dos dados de automedicação, porque a prática já se tornou cultural no país. A apresentação de dados de mortalidade, intoxicação, gastos dos cofres públicos, entre outros é de extrema importância para alertar as pessoas para os riscos que elas correm quando utilizam um medicamento de forma irresponsável.

O farmacêutico deve fazer uso dos seus conhecimentos e se posicionar no ato da venda ou administração de um medicamento, buscando identificar a real necessidade do uso do medicamento, orientar as pessoas para os riscos de efeitos colaterais, orientando assim para uma prática racional, pautada em conhecimentos científicos que estão em busca de resolver o problema do paciente da melhor forma possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Consulta Pública n º 95, de 19 de novembro de 2001.

Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008.

Al HUSSAINI M, MUSTAFA S, ALI S. **Self-medication among undergraduate medical students in Kuwait with reference to the role of the pharmacist.**Journal of Research in Pharmacy Practice. 2014.

ARRAIS, P. S. D., FERNANDES, M. E.P., PIZZOL, T.S.D., RAMOS, L.R., MENGUE, S.S., LUIZA, V.L., TAVARES, N.U.L, FARIAS, M.R., OLIVEIRA, M.A., BERTOLDI, A.D.. **Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.** Revista Saúde Pública 2016.

AZEVEDO, G. S.; PEREIRA, ORCIONE, A. V.. **Análise da publicidade das propagandas de medicamentos veiculadas em emissoras de televisão.** Farmácia & Ciência, v.1, p.3-15, 2010

BORTOLON, P.C., KARNIKOWSKI, M. G. O., ASSIS, M. **Automedicação versus indicação farmacêutica: o profissional de farmácia na atenção primária à saúde do idoso.** Revista APS, v.10, n.2, p. 200-209, 2007.

CANTARINO, A. **Marketing x Legislação Farmacêutica.** 2º Congresso Científico da UniverCidade – Resumo expandido, Rio de Janeiro, 2007

FERNANDES, W. S. CEMBRANELLI, J. C. **Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas.** Revista Univap –São José dos Campos-SP-Brasil, v. 21, n. 37, jul.2014.

GAMA, A.S. M., SECOLI, S. R. **Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil.**Revista Gaúcha de Enfermagem. 2017.

GARCEZ, E.A.M., SOUZA, K.S., BRITO, A.F., **Classes terapêuticas mais consumidas no município de Ceres-Go no ano de 2012**. Faculdade de Ceres, Goiás, 2012.

GOMES, A.C.M. **Automedicação: um importante problema de saúde pública**. São Paulo, 2012.

INSTITUTO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E QUALIDADE, 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

LUKOVIC JA, MILETIC V, PEKMEZOVIC T, TRAJKOVIC G, RATKOVIC N, ALEKSIC D, ALEKSIC, DANIJELA. **Self Medication practices and risk factors for self-medication among medical students in Belgrade, Serbia**. PLoSOne. 2014.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MELO, D. O., RIBEIRO, E., STORPIRTIS, S. **A importância e a história dos estudos de utilização de medicamentos**. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas. Vol. 42, n. 4, out./dez., 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Selection and rational use of medicines**, 2008.

PAFFENBACH, G. **Automedicação em crianças: um problema de saúde pública**. Editorial, Revista Paul Pediatría, 2010.

PEREIRA, D. S. **Conceitos e definições da Saúde e Epidemiologia Usados na Vigilância Sanitária**. São Paulo, SP, 2007.

PEREIRA, J.R., SOARES, L., HOEPFNER, L., KRUGER, K. E., GUTTERVIL, M. L., TONINI, K. C., DEVEGILI, D. A., ROCHA, E. R, VERDI, F., DALFOVO, D., OLSEN, K., MENDES, T., DERETTI, R., SOARES, V., LOBERMEYER, C., MOREIRA, J. FERREIRA, J., FRANCISCO, A.. **Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento**. Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, 2008.

PEREIRA, L.R.L., FREITAS, O. **A evolução da atenção farmacêutica e a perspectiva para o Brasil**. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas. Vol. 44, n. 4, out./dez., 2008.

SÁ, M. B.; BARROS, J. A. C.; SÁ, M. P. B. O. **Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro – PE**. Revista Brasileira de Epidemiologia. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 75-85, 2007.

SINITOX. **Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas**, 2009.

SOUZA, H. W. O. SILVA, J.L., NETO, M.S. **A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NO COMBATE À AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL**. Revista Eletrônica de Farmácia Vol 5, 67-72, 2008.

SOTERIO, K.A. **A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão**. 2016.

URBANO, A. Z. R. ALMEIDA, A.C., HENRIQUE, M.P. SANTOS, V.G. **Automedicação infantil: O uso indiscriminado de medicamentos nas cidades de Santos e de São Vicente**. Revista Ceciliana, Santos, v. 2, n. 2, p. 6-8. 2010.